EMPREENDEDORISMO FEMININO COMO FERRAMENTA PARA INDEPENDÊNCIA FINANCEIRA

**Resumo**

No final do século XIX, as mulheres deixaram sua posição coadjuvante na sociedade e começaram a lutar por equidade social e salarial. Nesse contexto, o objetivo principal deste estudo é apresentar casos de sucesso de mulheres que saíram de suas vidas anônimas e conquistaram espaço no meio corporativo. A pesquisa se justifica ao passo que traz contribuições de um panorama dessa atuação do ponto de vista prático, discutido à luz de autores como Dornelas (2018), Hisrich, Peters e Shepherd (2014) e Ribeiro (2018), e alinhado a dados extraídos dos portais do SEBRAE e IBGE. Pela caracterização da pesquisa, optou-se pelo método científico estudo de caso, composto de fundamentação teórica seguida de pesquisa de campo com aplicação de entrevistas abertas com mulheres que tenham alcançado sucesso no campo dos negócios. Desse modo, pretende-se mostrar o empreendedorismo como uma ferramenta eficaz no auxílio a mulheres que desejam alcançar sua independência financeira.

**Palavras-chave:** Mulheres empresárias; Empreendedorismo Feminino; Independência financeira.

**ABSTRACT**

At the end of the nineteenth century, women left their supporting position in society and began to fight for social and wage equity. In this context, the main objective of this study is to present successful cases of women who left their anonymous lives and conquered space in the corporate environment. The research is justified while it brings contributions of a panorama of this performance from the practical point of view, discussed in the light of authors such as Dornelas (2018), Hisrich, Peters and Shepherd (2014) and Ribeiro (2018), and in line with extracted data of SEBRAE and IBGE portals. By the characterization of the research, the scientific method chosen was the case study, composed of theoretical basis followed by field research with application of open interviews with women who have achieved success in the field of business. In this way, it is intended to show entrepreneurship as an effective tool in helping women who wish to achieve their financial independence**.**

**Keywords**: Women entrepreneurs; Female Entrepreneurship; Financial independence.

1. INTRODUÇÃO

Com o movimento sufragista, ocorrido na Inglaterra no final do século XIX[[1]](#footnote-1), em que se lutava pelo direito feminino ao voto, as mulheres passaram gradativamente a deixar sua posição de coadjuvantes na sociedade e começaram a lutar por equidade social, salarial e até mesmo sexual. Essa luta se estendeu por séculos e, até nos dias atuais, a bandeira da igualdade é defendida não apenas por mulheres, mas por pessoas em todo o mundo.

Nesse sentido, este estudo, em andamento, emerge da necessidade de trazer essa temática para discussão, de forma a esclarecer que o lugar da mulher é onde ela deseja estar, seja na sociedade, na política, na academia, na economia ou em casa. Desse modo, a mulher é apresentada como autora e personagem principal de sua história, capaz de se desenvolver nos mais variados ramos profissionais, como no segmento empreendedor, foco deste artigo, desmistificando, assim, que ser homem ou mulher interfere na qualidade da prestação de serviços.

A partir desse contexto, o objetivo principal deste estudo é apresentar casos de sucesso de mulheres que saíram de suas vidas anônimas e conquistaram o mercado de trabalho, atuando como donas de seus próprios negócios, com investigação das tendências desse mercado, bem como da relação entre o êxito alcançado por essas empreendedoras e suas qualificações profissionais. Deseja-se ainda compreender como essas trabalhadoras equilibram sua vida profissional, pessoal e familiar e comprovar o empreendedorismo como fonte de independência financeira para essas mulheres.

A metodologia adotada por este trabalho permeia a pesquisa bibliográfica, seguida por estudo de caso mediante aplicação de entrevistas abertas com mulheres que tenham alcançado sucesso no campo empreendedor, de forma a demonstrar o movimento crescente dessas empresárias no mercado de trabalho, analisar seu processo de evolução profissional, bem como os obstáculos enfrentados, e verificar como as mães de famílias equilibram as várias esferas de sua vida, saber como é a participação dos cônjuges dessas mulheres e se há divisão das tarefas domésticas.

Deseja-se, ainda, verificar a relevância ou não, da formação profissional na vida dessas entrevistadas e se esse desenvolvimento acadêmico tem ou não relação com seu crescimento profissional e conquista de mercado. Ademais, destacar o empreendedorismo como uma ferramenta eficaz no auxílio a mulheres que desejam alcançar sua independência financeira, mesmo que o mercado atual continue favorecendo o sexo masculino, tendo em vista que o país apresenta um cenário favorável ao crescimento cada vez mais substancial de donas de negócios.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fim de embasar a pesquisa, alguns autores contribuíram com suas teorias, tais como: Dornelas (2018), Hisrich, Peters e Shepherd (2014), Marques (2005), Matuella (2017), Medeiros e Pinheiro (2013) e Ribeiro (2018), entre outros. Foram utilizados, ainda, dados dos portais do SEBRAE NACIONAL e IBGE. A seguir, então, serão abordados assuntos como desigualdade de gênero, relacionamentos abusivos, empreendedorismo, modelo de negócios e plano de negócios.

* 1. **Desigualdade de gênero e relacionamentos abusivos**

De maneira a proporcionar o entendimento das questões de gênero e do surgimento do feminismo, vale esclarecer que este movimento se baseia em quatro ondas: a primeira surgiu na Inglaterra, com a organização de grupos de mulheres no final do século XIX e início do século XX, cujo objetivo principal era as reivindicações pelos direitos civis em resposta à exclusão das mulheres na política, conhecido como “Sufragismo[[2]](#footnote-2)” (grifo do autor) afirma Matuella (2017); a segunda ocorreu em meados da década de 1960 a 1990, em que diversas mulheres ativistas perceberam sua subordinação aos homens dentro das atividades que exerciam. Nesse período, “as diferenças entre homens e mulheres deixam de ser percebidas como naturais e passam a ser refletidas como construções históricas e culturais” (RIBEIRO *et al*., 2018, p. 451); a terceira se deu nos anos 90, que consistia na contradição e negociação das diferenças. Nesse momento da história, reinvindicações mais amplas tiveram destaque, tais como a questão racial e a autoestima sexual (RIBEIRO *et al*., 2018); e a quarta é representada pelo cenário atual, força que vem se desenvolvendo no meio acadêmico, onde “acontece o enfrentamento às resistências e desconfianças para cumprir a função de agregar pessoas interessadas na temática” (DUARTE, *apud* RIBEIRO *et al*., 2018, p. 451), promovendo pesquisas e estudos de temas relevantes em que pautas de várias outras minorias que lutam por equidade, quer seja social, racial, cultural e/ou de gênero, sejam ouvidas.

A fim de proporcionar uma melhor compreensão sobre gênero, Fernandez (2018) esclarece que

o gênero passou a ser entendido como uma categoria-chave para a compreensão de como e por que, em diversas sociedades e conjunturas históricas, os indivíduos, grupos e instituições atribuem determinados significados àquilo que deva ser propriamente associado ao masculino e ao feminino(FERNANDEZ, 2018, p. 565).

Com base na citação, pode-se perceber que o ser homem ou mulher está diretamente relacionado a uma construção de papéis sociais desempenhados pelos gêneros, que acabaram por instaurar uma divisão das categorias de tal forma que qualificou o sexo feminino como inferior ao masculino.

Historicamente foram estabelecidas, na sociedade, normas que exprimem processos de dominação dos indivíduos do gênero masculino sobre o gênero feminino (FERNANDEZ, 2018), quer pela criação patriarcal, em que a mulher desde sua infância é considerada frágil e incapaz de cuidar-se sozinha ou ter voz ativa sobre suas vontades, quer pela construção de relacionamentos abusivos, apoiados na insegurança e falta de autoconfiança feminina, disseminando, assim, a predominância masculina, conforme pontua o autor.

A dominção masculina, no cenário cotidiano, tornou-se algo habitual e, muitas vezes, tida como normal e “justa” à vista de muitos. A precária participação das mulheres nos diversos setores como política, academia, sociedade ou na ciência econômica denota os preconceitos de uma coletividade que combina diferentes tipos de discriminação – sociais, culturais, econômicas, raciais e de gênero (FERNANDEZ, 2018).

No que se refere à desigualdade de gênero, a problemática vai além do âmbito profissional, uma vez que as mulheres acumulam funções relacionadas a tarefas domésticas, tais como: cozinhar, lavar e passar roupas, lavar louças, além da maternidade, que demanda tempo e desgaste a longo prazo. Aos homens, entretanto, cabem, na maioria das vezes, as atividades mais ocasionais e flexíveis, e, mesmo após a paternidade, suas rotinas continuam tais quais eram, com algumas ressalvas no cuidado dos filhos (COLTRANE, 2000; FUWA, 2004; LENNON & ROSENFIELD, 1994, *apud* MEDEIROS, PINHEIRO, 2018).

Ainda sob essa ótica, Medeiros e Pinheiros (2018) ressaltam que

como homens empregam mais tempo em trabalho pago, mas com pequena carga de trabalho não pago, e mulheres têm jornadas semelhantes (levemente inferiores) de trabalho pago, mas muito mais longas de trabalho não pago em relação à dos homens, o acúmulo de jornadas é desproporcional, fazendo com que o tempo total de trabalho das mulheres seja, em média, superior ao dos homens. (MEDEIROS e PINHEIROS, 2018, p. 183)

Nesse sentido, uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísitca[[3]](#footnote-3) (2018, on-line) verificou que “a proporção de trabalhadores em ocupações por tempo parcial (até 30 horas semanais) é maior entre as mulheres (28,2%) do que entre os homens (14,1%)”. Acredita-se que essa diferença deva estar ligada à “predominância feminina nos cuidados de pessoas e afazeres domésticos, aos quais as mulheres trabalhadoras dedicavam 73% mais horas do que os homens” (IBGE, 2018, on-line).

Desse modo, pode-se pressupor que a desigualdade na divisão das atividades cotidianas, além de ocasionar o desgaste pela dupla, às vezes, tripla jornada, tende ainda a prejudicar a inserção das mulheres no mercado de trabalho, visto que estas despendem muito tempo nos afazeres cotidianos, comprometendo sua disponibilidade para as atividades remuneradas.

Cabe ressaltar ainda que a relação do poder masculino exercido sobre as mulheres desencadeia uma série de problemas, dentre eles o relaciomento abusivo. O abusopode ser compreendido tanto como uma agressão física, quanto negligência ou violência sexual e psicológica. No entanto, sua tradução deve ser precisa e delicada, pela acepção sexual que a palavra tem em Português (MARQUES, 2005).

Todavia, é importante ressaltar que “o conceito de abuso engloba todos os tipos possíveis de agressão e violência, não sendo visto apenas com conotação sexual” (OSÓRIO, 2004, *apud* MARQUES, 2005, p. 36). Dentre os vários meios de se cometer abuso, este estudo abordará alguns de forma mais detalhada, a fim de esclarecer as categorias a que se refere.

O abuso emocional, como é mais conhecido, também é chamado de abuso ou agressão psicológica ou verbal, ou ainda abuso ou agressão simbólica, agressão não física (MARQUES, 2005). Trata-se de uma modalidade de abuso que não atinge a violência física, entretanto, pode desenvolver traumas significativos na vítima, visto ser exercido, comumente, por pessoas próximas nas quais as vítimas confiam e dão total credibilidade, como pais, avós, familiares ligados diretamente à sua criação. Nessa categoria, pode-se mencionar o abuso econômico que, segundo Marques (2005, p. 94), consiste “em evitar que a vítima possua ou mantenha qualquer tipo auto-suficiência financeira ou recursos e forçar uma dependência material da vítima em relação ao parceiro abusivo”.

Pode-se ainda citar o abuso físico, “também chamado de agressão ou abuso físico, violência ou abuso do parceiro íntimo, violência conjugal, doméstica, marital, no namoro ou no flerte” (MARQUES, 2005, p. 91).

Outra categoria é o abuso sexual, caracterizado “pela ação que inclui comportamentos que se encaixam nas definições legais de estupro e ataque físicos a partes sexuais do corpo de uma pessoa e a fazer demandas sexuais excessivas com as quais a parceira não está confortável” (MARSHALL, 1992; SHEPARD; CAMPBEL, 1992, *apud* MARQUES, 2005, p. 92).

Diante do cenário exposto, o questionamento que permeia essas situações de abuso é por que as mulheres continuam em seus relacionamentos abusivos? Por que mesmo diante desses variados cenários de maus tratos elas insistem em continuar à mercê de seus agressores?

A esse respeito, Truninger (1971, *apud* MARQUES, 2005, p. 109-110) evidencia algumas causas:

1. Autoconceito negativo - a baixa autoestima pode ser um agravante para se manter nesses relacionamentos. Muitas mulheres desacreditam de sua beleza física e capacidade emocial de se sustentar e conquistar a autosatisfação pessoal;
2. Crença em mudanças - a esperança de restaurar o casamento e manter a família unida pode ser uma fuga para que as mulheres continuem em seus relacionamentos abusivos, crendo que seus cônjuges mudarão;
3. **Dificuldade financeira** (grifo nosso) – conforme já citado na subseção anterior, vive-se em uma sociedade que ainda sofre com os resquícios de uma mentalidade machista, em que algumas mulheres, até esse tempo, são impelidas a depender financeiramente de seus provedores (pai ou companheiro), assim, diante desse cenário, uma das maiores dificuldades que enfrentam ao deixar os relacionamentos caracterizados como abusivos é o desafio de se ter uma renda própria.

Alvim (2019, on-line) alerta que **“**aos poucos, estes abusos vão se intensificando e deixando a vítima tão fragilizada a ponto de considerar que aquela violência psicológica, e muitas vezes física, a que está submetida, é apenas uma forma de cuidado, de carinho (...)”, fazendo com que essas mulheres aceitem e, muitas das vezes, acreditem que os maus tratos sejam formas de afeto do seu companheiro abusivo.

Sobre essa realidade, este estudo pretende apresentar maneiras de como essas mulheres podem alcançar sua independência financeira e conquistar lugar de destaque no mercado de trabalho, utilizando técnicas de empreendedorismo, tema da próxima subseção.

* 1. **Empreendedorismo**

A arte de empreender tem ganhado cada vez mais visibilidade no cenário atual, podendo ser considerada como uma válvula propulsora de sucessos em potencial. No Brasil, esse processo começou a se desencadear em meados da década de 1990, quando foram criadas entidades como o SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - e a Sotfex – Sociedade Brasileira de Exportação de *Software* (DORNELAS, 2018) e, desde então, sua evolução é constante.

Este trabalho entende o empreendedorismo “como o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam à transformação de ideias em oportunidades” (DORNELAS, 2018, p. 29), descartando, em absoluto, o amadorismo.

Para Hisrich, Peters e Shepherd (2014), o processo de empreeender é muito mais complexo. Os autores afirmam que “é necessário mais do que apenas muito trabalho e sorte para ser um dos poucos empreendedores bem-sucedidos. É preciso raciocinar em um ambiente de alta incerteza, ser flexível e aprender com as derrotas” (HISRICH; PETERS; SHEPHERD, 2014, p. 05). Logo, percebe-se que um processo empreendedor demanda esforço, agilidade e persistência.

Dornelas (2018, p. 20) esclarece que “a palavra ‘empreendedor’ tem origem francesa e quer dizer aquele que assume riscos e começa algo novo”. Dessa forma, compreende-se como empreendedor todo aquele que busca o sucesso pela inovação, seja na criação de uma nova empresa, na releitura de um negócio já existente ou na prestação de serviços de empregados a seus contratantes.

Existem diversos tipos de empreendedorismo, entretanto, o foco deste artigo é o empreendedorismo feminino.

Sob a ótica de Fernandez (2018), na economia feminista, entende-se a família como uma pequena empresa que produz bens utilizando trabalho e insumos de mercado, em que se deve ter uma dinâmica interativa e alternativa de tempo de trabalho doméstico e os serviços oferecidos no mercado, a partir da conjectura de que as mulheres escolhem livremente se desejam ficar em casa ou trabalhar fora.

Após adotar essa postura, a mulher vem conquistando espaço gradativo no mercado de trabalho, mais diretamente no ramo de empreendedorismo, foco deste estudo. Vale destacar que as principais motivações para as representantes do sexo feminino empreender são: a necessidade de ter outra fonte de renda ou para adquirir **independência financeira** (grifo nosso) (SEBRAE, 2019).

O Data Sebrae (2018) apresentou uma pesquisa em que a participação percentual de mulheres empreendedoras no Brasil, em 2018, representou 34% do mercado, contra 66% de homens. Se comparados aos índices de 2017, no qual as mulheres apresentavam apenas 29% dos empreendedores, enquanto os homens detinham 71% dos empreendimentos brasileiros (DATA SEBRAE, 2018), pode-se perceber que mesmo não sendo um avanço expressivo, há um aumento progressivo na participação de mulheres no ramo empresarial.

Na mesma pesquisa é demonstrado que, em 2018, as mulheres somavam um total de 9,3 milhões de donas de negócios no Brasil, das quais 1.255,1 mil empregadoras e 8,1 milhões de trabalhadoras por conta própria, sendo 26% com idades de 35 a 45 anos (DATA SEBRAE, 2019).

Em 2016, essa participação das mulheres já era percebida, conforme dados do Anuário Mulheres Empreendedoras do SEBRAE (2016) que afirmam: “a participação das mulheres aumentou em 1,1 pontos percentuais, devido ao maior dinamismo do crescimento de sua ocupação, cuja taxa observada foi de 2,1% ao ano. Assim, o total de mulheres ocupadas chegou a 41,1 milhões, em 2013”.

Para empreender tais mulheres devem compreender que o processo demanda alguns passos necessários para um negócio promissor como o Quadro de Modelo de Negócios e Plano de Negócios.

O quadro de modelo de negócios foi criado para auxiliar os empresários na exposição de suas ideias. É uma apresentação dinâmica do empreendimento proposto e tem objetivo de delinear os elementos e fases de um empreendimento, de forma a proporcionar a integração da organização (SEBRAE, 2018).

Tal modelo possibilita que empreendedores reflitam a respeito de cada função desempenhada pela empresa, desta forma, é possível verificar as estratégias necessárias para se conquistar um maior número de clientes, podendo, ainda, aumentar seus lucros.

Segundo a Cartilha do SEBRAE (2013, p. 15), “o quadro nos dá a chance de verificar e corrigir, coloca em foco tudo que é mais importante e ajuda a descobrir elos que não teríamos percebido em um longo texto descritivo”. Por ser um quadro baseado em um bloco de notas, sua interpretação torna-se simples e de fácil manuseio. É composto por nove blocos: segmento de clientes, proposta de valor, canais, relacionamento com clientes, fontes de receitas, recursos principais, atividades principais, parcerias principais e estrutura de custos.

Embora citados muitas vezes como sinônimos o Modelo e o Plano de Negócios são ferramentas distintas, posto que cada uma compreende um estágio diferente do empreendimento.

Se o modelo apresenta uma ferramenta dinâmica e totalmente visual, com frases curtas e cores chamativas, o plano de negócios, por sua vez, “descreve a forma como o negócio será construído, com etapas, prazos, planilhas de custos, receitas, etc” (SEBRAE, 2013, p. 13). Entretanto, vale ressaltar que todas as alterações do modelo de negócios devem igualmente ser ajustadas no plano, visto que as duas ferramentas têm de se manter vivas e conectadas (SEBRAE, 2013).

O plano de negócios é uma expansão do quadro de modelo de negócios. De uma forma mais detalhada e minuciosa, “é um documento que descreve por escrito os objetivos de um negócio e quais passos devem ser dados para que esses objetivos sejam alcançados, diminuindo riscos e as incertezas” (SEBRAE, 2019, on-line). Portanto, sua estrutura inclui tópicos como sumário executivo, análise estratégica, plano operacional, análise de mercado, entre outros.

Por fim, para se obter mais chances de sucesso nos negócios é preciso desenvolver o Modelo e o Plano, documentos que se complementam e tratam da racionalidade do espírito empreendedor.

1. METODOLOGIA

Este trabalho se vale do método científico estudo de caso, isto é: “uma investigação empírica que investiga (sic) um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de mundo real” (YIN, 2015, p. 17). Severino (2007, p. 121) contribui e elucida que tal método é uma “pesquisa que se concentra no estudo de um caso particular, considerado representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significativamente representativo”.

Selecionado o método de pesquisa, partiu-se para a fomulação de um protocolo de pesquisa (YIN, 2015) composto por seis tópicos, a saber: a – Questões de pesquisa/estudo; b – Proposições de estudo; c – Unidade de análise; d – Dados; e – Lógica que liga os dados às proposições e f – Critério de análise de dados seguido por pesquisas bibliográficas a fim de obter dados que respaldassem a coerência do tema proposto com o cenário atual.

Nesse contexto, esta pesquisa pretende entrevistar uma média de dez empresárias com negócios estabelecidos entre as cidades de Piquete e Cruzeiro - SP. Quanto à aplicação das entrevistas, Gil (2009, p. 7) esclarece que “nos estudos de caso, as entrevistas tendem a ser pouco estruturadas, com vistas à obtenção de dados caracterizados por um maior nível de profundidade”.

1. RESULTADOS ESPERADOS

Com base na metodologia apresentada na subseção anterior, este estudo pretende evidenciar alguns pontos de relevância para a pesquisa. A princípio, apresentar o movimento crescente de mulheres no mercado de trabalho, mais especificamente no ramo de empreendedorismo, demonstrando como este mercado vem se expandindo pelo país.

Espera-se, ainda, investigar a maneira como as mulheres equilibram suas vidas pessoal, profissional e familiar, de forma a compreender como enfrentam a rotina de dupla, ou até mesmo, tripla jornada de trabalho, ao acompanhar os filhos na escola, exercer sua função profissional e ainda atender a seus “deveres” familiares ao chegarem em suas casas. Além disso, saber como é a participação dos cônjuges dessas mulheres, e se há divisão de tarefas domésticas de forma a propiciar uma rotina mais igualitária para os moradores da residência.

Deseja-se, também, verificar a relevância da formação profissional na vida dessas entrevistadas e se esse desenvolvimento acadêmico tem ou não relação com seu crescimento profissional e conquista de mercado, de maneira a esclarecer o que de fato é um processo empreendedor e quais suas etapas.

Por fim, espera-se apontar o empreendedorismo como uma ferramenta eficaz no auxílio a mulheres que desejam alcançar sua indepêndia financeira, seja para alavancar seus sonhos e desejos sem depender de ninguém ou para se libertar de um relacionamento abusivo, ainda que o mercado atual continue favorecendo o sexo masculino, tendo em vista que o país apresenta um cenário favorável ao crescimento cada vez mais substancial de donas de negócios.

1. REFERÊNCIAS

ALVIM, Joselene. **Mulheres que vivem relacionamentos abusivos.** 2019. Portal G1. Disponível em: http://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/blog/psicoblog/post/mulheres-que-vivem-relacionamentos-abusivos.html. Acesso em: 29 abr. 2019.

DATA SEBRAE. **Donas de negócios.** Disponível em: https://datasebrae.com.br/painel-empreendedorismo-feminino/. Acesso em: 18 abr. 2019.

\_\_\_\_\_\_. **Características dos Empresários, Potenciais Empresários e Potenciais Empreendedores, com base nos micros dados da pesquisa GEM Brasil 2017.** 2018. Disponível em: https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2018/08/GEM-Empres%C3%A1rios-Potenciais-Empres%C3%A1rios-e-Potenciais-Empreendedores-2017-002.pdf. Acesso em: 23 abr. 2019.

DICIO, Dicionário Online de Português. **Significado de Sufragista**. Disponível em: https://www.dicio.com.br/sufragista/. Acesso em: 08 abr. 2019.

DORNELAS, José. **Empreendedorismo, transformando ideias em negócios.** 7.ed.. São Paulo: Empreende, 2018.

FERNANDEZ, Brena Paula Magno. Economia feminista: metodologias, problemas de pesquisa e propostas teóricas em prol da igualdade de gêneros. **Revista de Economia Política.** [Santa Catarina?], v. 38, n. 3 (152), p. 559-583, jul./set. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rep/v38n3/1809-4538-rep-38-03-559.pdf. Acesso em: 25 mar. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Estudo de caso:** subsídio para coleta e análise de dados – como redigir o relatório. São Paulo: Atlas, 2009.

HISRICH, Robert D.; PETERS, Michael P.; SHEPHERD, Dean A. Tradução: Francisco Araújo da Costa. **Empreendedorismo.** 9. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

IBGE, Agência Notícias. **Estatísticas de gênero: responsabilidade por afazeres afeta inserção das mulheres no mercado de trabalho**. Estatísticas Sociais, jun. 2018. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/20232-estatisticas-de-genero-responsabilidade-por-afazeres-afeta-insercao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho. Acesso em: 09 abr. 2019.

MARQUES, Tania Mendonça. **Violência conjugal:** estudo sobre a permanência da mulher em relacionamentos abusivos. 2005. 303 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005. Disponível em: http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/17261/1/TMarquesDISSPRT.pdf. Acesso em: 09 abr. 2019.

MATUELLA, Iazana. Conflitos armados e a agenda internacional: a questão da mulher. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 3, p. 1277-1295, set./dez.  2017.  Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0104-026X2017000301277&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 08 abr.  2019.

MEDEIROS, Marcelo; PINHEIRO, Luana Simões. Desigualdades de gênero em tempo de trabalho pago e não pago no Brasil, 2013. **Revista Sociedade e Estado.** [Brasília], v.33, n. 1, p. 161-187, jan./abr. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0102-69922018000100159&lang=pt. Acesso em: 27 mar. 2019.

RIBEIRO, Jay Moreira Canongia *et al*. Círculo de leituras sobre gênero, sexualidade e ciência feminista: Um trabalho em construção. IV Seminário de extensão e pesquisa, 2018. **Revista Analecta**. [Guarapuava], v. 4, n. 4, p. 446-457 nov. /2018. Disponível em: https://seer.cesjf.br/index.php/ANL/article/viewFile/1787/1132. Acesso em: 29 abr. 2019.

SEBRAE NACIONAL. **Anuário das mulheres:** Empreendedoras e trabalhadoras em micro e pequenas empresas. 2016. Disponível em: https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2017/04/Anu%C3%A1rio-Mulheres-final-2014-2015.pdf. Acesso em: 10 abr. 2019.

\_\_\_\_\_\_. **Como construir um modelo de negócios para sua empresa.** 2018. Disponível em: http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/como-construir-um-modelo-de-negocio-para-sua-empresa,6054fd560530d410VgnVCM1000003b74010aRCRD. Acesso em: 23 mar. 2019.

\_\_\_\_\_\_. **O quadro de modelos de negócios:** um caminho para criar, recriar e inovar em modelos de negócios. Cartilha, 2013. Disponível em: http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/ES/Anexos/ES\_QUADROMODELODENEGOCIOS\_16\_PDF.pdf. Acesso em: 09 abr. 2019.

\_\_\_\_\_\_. **Por que é fundamental estimular o empreendedorismo feminino?** 2019. Disponível em: http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/por-que-e-fundamental-estimular-o-empreendedorismo-feminino,ca96df3476959610VgnVCM1000004c00210aRCRD. Acesso em: 18 abr. 2019.

\_\_\_\_\_\_. **Tudo que você precisa saber para criar o seu plano de negócios.** 2019. Disponível em: http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/como-elaborar-um-plano-de-negocio,37d2438af1c92410VgnVCM100000b272010aRCRD. Acesso em: 23 mar. 2019.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

YIN, Robert K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. Tradução: Cristhian Mateus Herrera. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

1. MATUELLA (2017). [↑](#footnote-ref-1)
2. **Sufragista**. Adjetivo relativo ao sufrágio, ao voto, ao sistema de eleição pelo voto. Substantivo feminino. Mulher que reivindicou, para as mulheres, o direito do voto, nos países em que este não lhes havia sido concedido (DICIONÁRIO ONLINE, 2019). [↑](#footnote-ref-2)
3. Termo este a ser mencionado como IBGE daqui por diante. [↑](#footnote-ref-3)